

O MUNDO FEMININO NA ÓTICA DE UM GRUPO DE MULHERES DE PORTO VELHO, BRASIL, NO INÍCIO DO SÉCULO XX: NOTAS PRELIMINARES DE PESQUISA

THE WORLD WOMEN'S VIEW FROM A WOMEN'S GROUP IN PORTO VELHO, BRAZIL, AT THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY: PRELIMINARY RESEARCH NOTES

João Guilherme Rodrigues Mendonça 1
Marlene Rodrigues 2
Paulo Rennes Marçal Ribeiro 3

Professor Associado da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). 1
Membro do Grupo de Estudos do Desenvolvimento e da Cultura Corporal (GEDCC/UNIR); Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação e Infância (EDUCA/UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4283910757526854>
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6970-4933>
E-mail: jgrmendonca@bol.com.br

Professora Adjunta da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). 2
Membro do Grupo de Pesquisa Multidisciplinar em Educação e Infância (EDUCA/UNIR). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8359994534766008> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3030-6057> E-mail: marlene.rodrigues@unir.br

Professor Associado no Departamento de Psicologia da Educação 3
e Programas de Pós-Graduação em Educação Sexual e Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP, em Araraquara. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7163791603588084> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1552-5702> E-mail: paulo.rennes@unesp.br

Resumo: Porto Velho é uma cidade com pouco mais de cem anos, que nasceu a partir de uma realidade formatada por construtores americanos do conglomerado do entorno da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (1907-1912). Em seu início, apresentava além da zona ordenada que mantinha em segurança engenheiros, funcionários e famílias, outro cenário, representado por uma ruralidade de floresta, cidade Far West, povoado de modo desordenado que se auto-intitulava como Porto Velho dos Brasileiros. Um grande canteiro de obras ferroviário que recebeu operários de várias partes do mundo e do Brasil, e igualmente um enorme contingente de mulheres que, ali chegando deixaram um legado de vida que garantiu a ampliação cada vez mais crescente do número de habitantes. Utilizando-se da história oral, temos como objetivo ligar os 'retalhos' do mundo vivido e experimentado por essas destemidas pioneiras. Verificamos que as mulheres de Porto Velho viam-se diante de um caleidoscópio de necessidades, e responderam a elas da melhor forma possível. Verdadeiras heroínas: solteiras, casadas, prostitutas, lavadeiras, benzedoras, e muitas outras; são as mães dos filhos dessa cidade.

Palavras-chave: História da mulher. Mulheres de Porto Velho. Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Abstract: Porto Velho is a city with a little more than one hundred years, which was born from a reality shaped by American builders from the conglomerate surrounding the construction of the Madeira-Mamoré Railway (1907-1912). In its beginning, it presented, in addition to the orderly zone that kept engineers, employees and families safe, another scenario, represented by a rurality of forest, Far West city, populated in a disorderly way that called itself Porto Velho dos Brasileiros. A large railway construction site that received workers from various parts of the world and Brazil, as well as a huge contingent of women who, having arrived there, left a legacy of life that guaranteed the ever-increasing expansion of the number of inhabitants. Using oral history, we aim to connect the 'scraps' of the world lived and experienced by these fearless pioneers. We found that the women of Porto Velho were faced with a kaleidoscope of needs, and responded to them in the best possible way. True heroines: single, married, prostitutes, washerwomen, healers, and many others; they are the mothers of the children of that city.

Keywords: Women's history. Porto Velho's women. Madeira Mamore Railroad.

Introdução

Porto Velho é a capital do Estado de Rondônia, Brasil. Cidade nova com pouco mais de um século de existência. A história dessa cidade é marcada por uma verdadeira epopéia com a construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré, momento registrado e estudado por diferentes pesquisadores como Neeleman (2011), Borzacov (2007), Ferreira (2005), Fernandes (2005), Teixeira e Fonseca (2001), Hugo (1998), Paiva (2018) e Menezes (1980).

Nesse espaço geográfico e cultural, as mulheres como sujeitos sociais que fizeram e fazem parte da formação do povo dessa cidade, pouco ou quase nunca se viram prioritariamente contempladas nos registros e estudos sobre a formação de Porto Velho. A História não se ocupou em representar e analisar o lugar e o papel da mulher, fato que ampliou e reforçou a escassez de informações sobre a condição feminina na formação de Porto Velho.

Contexto

Nos documentos e pesquisas que assinalam a presença da mulher no nascimento e crescimento da cidade de Porto Velho podemos extrair informações que, alinhavadas e descritas, vão de encontro ao silêncio que perpassa incólume ao longo do tempo quando o assunto é a condição feminina. Essa pesquisa vem, portanto, preencher um espaço ainda não ocupado ou, precariamente cuidado, referente às mulheres que formaram o povo portovelhense no período em que a cidade nasceu com a Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Paiva (2018) fala da presença de mulheres nordestinas, italianas e francesas no entorno de Porto Velho no período de construção e finalização dessa estrada de ferro. Como explica Fonseca (2016, p. 39), “gregos, sírios, libaneses, indianos, espanhóis, portugueses, bolivianos, norte-americanos e muitos outros vieram para trabalhar na ferrovia. Após sua construção muitos ficaram.” E, reforçando, Souza (2010, p. 30) repete essa internacionalização decorrente da construção da estrada e diz que “devido à escassez de trabalhadores foi usada a mão de obra estrangeira, reunindo inúmeras etnias e culturas como antilhanos, barbadianos, granadinos, jamaicanos, indianos, italianos, espanhóis, portugueses, sírios, chineses, gregos e judeus entre outros. As vilas de Porto Velho e Guajará-Mirim surgiram como um território multifacetado.” Outro dado interessante, este trazido por Vital (2011), refere-se à vinda de prisioneiros do Rio de Janeiro, que em um exílio involuntário, foram acolhidos em Santo Antonio no ano de 1911: 105 marinheiros condenados por participação na Revolta da Chibata, e 292 homens e 44 mulheres provenientes da Casa de Detenção do Rio de Janeiro. E destas mulheres, a maioria ingressou na prostituição. Realmente, um enorme canteiro de obras com milhares de homens atrai um grande número de mulheres que se prostituem ou são prostituídas para atender ao desejo sexual ali emanado. A estrada é finalizada, o canteiro se transforma, a cidade se desenvolve mas muitas dessas mulheres permanecem em Porto Velho e outras tantas constituem família, tornando-se mães e avós do povo que não para de crescer.

Marco Teórico Conceitual: A Cidade de Porto Velho

O surgimento do que hoje é conhecido como a cidade de Porto Velho remonta ao processo de ocupação da região dos vales dos rios Madeira, Mamoré e Guaporé, ainda no período colonial. Houve por parte do governo Imperial, e depois da República, interesse de intensificar a colonização extrativista na região do Madeira.

O Rio Madeira, de Santo Antônio a Guajará-Mirim – divisa com a Bolívia, é marcado por inúmeras cachoeiras que inviabilizavam o escoamento das mercadorias, dentre elas a borracha, com alta produtividade nessa região. Seria preciso facilitar esse comércio, expandi-lo internacionalmente, integrando-o com o mundo a partir do escoamento de preciosas matérias primas como a borracha, e importando todo tipo de manufaturados, equipamentos, gêneros alimentícios, etc. O caminho encontrado foi a construção uma ferrovia.

O Governo brasileiro concede a construção iniciando-a em 1871. Em 1874, sem assentar um só trilho, a tentativa de construção da ferrovia finda diante de inúmeras dificuldades em uma região de floresta, habitada por índios hostis e com muitas doenças. No ano de 1878, outra tentativa de construção da via férrea se estabeleceu, mobilizando grande quantitativo de

trabalhadores estrangeiros e brasileiros, todavia, não lograriam sucesso na empreitada diante de persistentes doenças e mortes que minaram a força produtiva dos homens que ali chegaram.

Santo Antônio, outrora escolhida para sediar a Ferrovia Madeira–Mamoré, viu fracassadas duas tentativas. Em 1903, na cidade de Petrópolis, Rio de Janeiro, foi estabelecido o Tratado de Petrópolis, em que o governo boliviano cedia o território do Acre a ser incorporado ao território brasileiro, e entre outros pontos, o Brasil assumia o compromisso de construir a ferrovia entre Santo Antônio a Guajará-Mirim, de modo a garantir o escoamento da produção da Bolívia. A Estrada de Ferro Madeira-Mamoré teve seu início em 1907 e foi concluída em 1912.

A empresa responsável por sua construção estabeleceu o local inicial para a ferrovia distante sete quilômetros abaixo do Madeira da Vila de Santo Antônio, deflagrando então uma nova organização populacional que resultou no nascimento da cidade de Porto Velho. “Simbolicamente no dia 4 de julho de 1907, era dado o reinício da construção da ferrovia, fixando um trilho em um dormente no marco zero do novo local escolhido” (Lima, s/d, p. 73-74). Com esse ato simbólico um agrupamento humano novo se estabelece.

Porto Velho nasce primeiro de uma realidade formatada pelos construtores americanos do conglomerado do entorno da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Desse modo casas, clube, lavanderia, luz elétrica, hospital, entre outras benesses, foram estabelecidos no núcleo urbano.

Porto Velho também apresentava outro cenário para além dos ‘muros’ da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré; e é nesse lugar, cenário de uma ruralidade de floresta, que um mundo paralelo convive com uma modernidade inacessível. É a Porto Velho *Far West* (Moraes, 1936). Lima (s/d) fala do momento de nascimento desse povoado como ‘desordenado’ e se auto-intitulava como Porto Velho dos Brasileiros.

Metodologia

Esta pesquisa é de cunho histórico, utilizando-se como técnicas de investigação a pesquisa bibliográfica e a história oral, realizadas a partir da análise de fontes primárias do discurso, resgatando fatos da época. O processo de análise dos documentos foi baseado na Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977). A técnica de análise de conteúdo escolhida foi a análise temática, que consiste na identificação de temas que, pela frequência que aparecem, revelam valores e comportamentos das pessoas que se manifestaram nas confissões.

O uso da história oral foi conduzido na forma historicista, de modo a recuperar, resgatar e preencher a memória de mulheres de um passado não registrado. O processamento e análise das entrevistas manteve-se fiel ao discurso transcrito sem cortes e sem acréscimos, de modo a recuperar memórias locais, comunitárias, da mulher, etc.

A pesquisa abrangeu o período que se inicia com o marco da colonização do município de Porto Velho desde a construção da Ferrovia Madeira Mamoré, passando ao longo do século XX.

Foram entrevistadas oito mulheres que participaram da história da cidade enquanto integrantes das famílias que viveram nos primeiros anos de Porto Velho. Elas foram nomeadas no presente artigo por suas iniciais, e inserimos o ano de seu nascimento para identificação temporal.

Resultados

Narrativas das mulheres que conviveram com a cidade de Porto Velho dos Brasileiros

Porto Velho é uma cidade menina com pouco mais de cem anos. O município foi criado em 2 de outubro de 1914, chegando ali milhares de pessoas oriundas de diferentes lugares do país (e do mundo considerando a internacionalização da construção da estrada de ferro). Muitas mulheres deixaram um legado de vida e de contribuições para o desenvolvimento da cidade, e essas experiências e particularidades vinculadas à condição feminina não foram ex-

tensa e devidamente estudadas.

Este artigo, portanto, se propôs a descrever as narrativas de mulheres da cidade de Porto Velho acerca de suas vivências e percepções, buscando ligar alguns 'retalhos' do mundo dessas destemidas pioneiras. nessa paragem amazônica, que:

A narrativa sobre a cidade de Porto Velho¹

Porto Velho é percebido como uma cidade pequena até os anos 1950. E.2 a descreve como um espaço rural de verdadeiro improvisado natural, como um grande seringal. A localidade era conhecida como referência a um senhor idoso, que já habitava à beira do Rio Madeira há muitos anos e que a ele se referia quando se pretendia ali aportar; nasce o nome da cidade de Porto do Velho que, com o tempo, tornou-se Porto Velho: "Isso aqui era seringal... tinha um... um... na beira do rio... dali... tinha um velho que tinha uma casa... então ele morava lá né? esse velho morava ali... ali... e então eu achei que por isso botaram o nome ali de Porto Velho... por causa desse homem... um senhor idoso... morava lá né?"

Sua morada é descrita como um acampamento a partir de uma adaptação para sobreviver às intempéries. Com fogão a lenha e um igarapé como 'tanque' de roupa para lavar: "*ali arrumei uma tapera... e fiz a minha morada com meu filho e fui vivendo minha vida...*". Descreve ainda os arredores com matas entre as moradias, onde ia buscar lenhas para cozinhar e fazer brasa para passar roupas em ferro a carvão: "*eu ainda ia no mato... tirar a lenha... e butava lá pra queimar a noite todinha... fazendo brasa pra butar no ferro... e passando roupa...*". Uma rotina estafante e laboriosa que exigia da mulher a determinação para manter-se viva diante de condições tão adversas e inóspitas: "*tinha... iiiixe... tinha sim... ia pra lá pra tirar aqueles pau... arrumar aqueles gai de pau... fazia aquele monte pá trazer pra casa... aí eu... cortava aqueles pau... butava no fogo... a noite todinha queimando aquilo ali... pra butar [brasa no ferro]*".

Uma verdadeira *Far West* (Moraes, 1936) tupiniquim compunha a imagem do cotidiano da Porto Velho dos Brasileiros no início do século XX.

M. T.³ mora onde hoje é a região central da cidade de Porto Velho, na década de 1940 a 1950 era tida como periferia: "*mas era tudo mato por ali assim... quarenta e seis/oito quarenta e nove... cinqüenta...*". A cidade "morria" nas proximidades de sua casa: "*... a cidade morria ali naquela rua lá...*". Com muito mato, tinha o costume de pegar frutas (tucumã) nas redondezas ainda conhecido como Mocambo: "*a gente ia buscar tucumã ali atrás do cemitério que era só mato(...)*", onde foi instalado um cemitério que na época ainda não era murado.

A narrativa sobre mulher e trabalho

Em Porto Velho das primeiras décadas do século XX, mulher trabalha no lar e também fora dele. Em casa, como doméstica, com todas as exigências e cuidados de onde mora. No contexto público, de trabalho fora de casa, mantém ações laborais que repetem sua vida de trabalho no lar: lavar roupa, limpar e preparar alimentos, que são serviços domésticos em geral. Ser trabalhadora doméstica parece fazer parte do rol de designações sociais da mulher, vinculadas à 'constituição' e à 'natureza' da mulher: "*era doméstica... doméstica... fazia o trabalho de casa né? lavava roupa pra fora... trabalhava nas casas por aí... fazendo comida... éh... empregada fazendo trabáí pros outros... era assim... minha vida foi trabalhando... todo tempo no trabalho... trabalho doméstico... éh... nunca fui funcionária não*" (E.)

A atividade laboral predominante nas narrativas era a de lavadeira e passadeira. **M. L.**⁴ relata que tanto mulheres solteiras como mulheres casadas trabalhavam como lavadeiras e tinham a permissão de seus maridos: "*permitia porque eles também ganhava pouco... às vezes trabalhava não ganhavam nada... no ferro né? trabalhavam...*"

1 Mantivemos a escrita da transcrição literal das entrevistadas entre aspas e itálico, respeitando e acolhendo sua forma coloquial, hesitações, etc.

2 E. nasceu no ano de 1924.

3 M. T. nasceu em 1932.

4 M. L. nasceu em 1929.

N.5 relata que sua avó e mãe trabalhavam lavando e passando roupas, além de costurar para fora, sobretudo para os seringueiros. Ela e as irmãs, desde tenra idade, somavam com sua força de trabalho o sustento e sobrevivência: “então quem ficava em casa mesmo no pesado era mamãe, e nós ajudava... eu... a Nilza a mais velha... era moça eu era moçotinha assim, menina... mas ajudava também a gente ... ela lavava roupa e nós passava... eu passava essas camisetas...”

N. cresceu sem distinção de fronteiras entre a infância e a vida adulta. A infância parece mesmo não ter existido: “da camisa... eu passava camiseta... cueca... cueca que fazia na época era aquelas cueca... assim... grande... aquelas roupas mais simples eu que passava... e a (...) eu tinha... onze anos... onze anos mais ou menos assim... e a Nilza(...). Cara...eu era magrinha... a mamãe tinha dois ferro... tinha um meio grande... que era o que a Nilza... o pesado era da Nilza e o meu era o pequeno... era mais maneiro...”

A narrativa sobre educação familiar

Os arranjos familiares no início do século XX não respeitavam a necessária convivência entre um homem e mulher em matrimônio e/ou concubinato; muitas mulheres estabeleciam relacionamento com homens, engravidavam e permaneciam só. Parece comum o fato de muitas dessas mulheres que pariram seus filhos, entregá-los para a mãe ou a avó criá-los, ao mesmo tempo em que buscavam um relacionamento estável. Outras mulheres abandonavam seus filhos, que ficavam entregues à própria sorte.

As filhas abandonadas pelas mães, ou mesmo aquelas em que suas mães faleceram, não podiam morar com o pai se esse não tivesse estabelecido uma relação estável com outra mulher. A criação da filha não era feita, necessária e diretamente, por parentes próximos; em várias narrativas, mulheres que quando crianças passaram por essas circunstâncias, narram que um casal ‘pegou’ para criar. Ou que foram adotadas por ‘padrinhos’, indo viver com outra família. Também não era incomum que pais que se viram impedidos de cuidar da filha por ficarem viúvos, ao estabelecer um novo relacionamento, ‘pegavam’ a filha de volta para seus cuidados. A narrativa de **E.** revela a vulnerabilidade da filha menor em ‘cuidados’ pulverizados na sociedade, marcados por interesses que provavelmente não são os da criança: “*a minha mãe eu não conheci... eu fui criada com avó... e depois da vó... fiquei no Gomes... jogada lá... era ali... era ali... açulá... morava ali... morava açulá... porque meu pai não tinha mulher... ele vivia só né? e naquela época... juiz não consentia..*”. Não era permitido que uma filha convivesse só com o pai para se evitar uma relação incestuosa.

Tão logo a filha iniciasse seu amadurecimento físico, no que hoje compreendemos como adolescência, eram estimuladas a se casar: “*mulher... filha mulher viver com o pai... e como as autoridades não consentia que eu vivesse com meu pai porque ele era... aí eu ficava na casa dum... casa do outro... vai pra cá e pra açulá... e por ali foi... até... que minha vó... arrumaram lá... um atravanca... aí pronto... eu construí família...*” (**E.**)

A narrativa sobre o que representava ser mulher

A menina pouco ou nunca permanecia nesse lugar infantil. Era preciso que a filha aprendesse desde cedo as atribuições inerentes à sua condição de mulher. **M. A**⁶ ilustra essa condição feminina com os ensinamentos de sua mãe, vislumbrando como deveria se portar para se tornar esposa e mãe sem decepcionar o homem, o marido: “*me ensinava a ser... a cuidar de uma casa... você sabe... a minha mãe dizia que banheiro e a área de uma casa era espelho... se o teu banheiro e tua área tava limpa... você podia receber qualquer pessoa... minha mãe dizia... e ela que ensinava muito e gente a cuidar de roupa... saber lavar... saber passar... a minha mãe ensinava como se passava uma calça... uma camisa... assim coisa que ela já... é formando*

5 N. nasceu em 1941.

6 M. A. nasceu em 1950.

a gente pra um amanhã ou depois num passar uma decepção né? de eu não sei... eu não sei... tudo a gente sabia um pouco”

Para ser mulher direita, com *status* para ser reconhecida na sociedade, era preciso que a mulher casasse. O lugar da mulher casada era representado, na maioria das vezes, como estar dentro do espaço privado da casa. **M. T.** cita um exemplo desse cotidiano, referindo-se à condição de mulher submetida à condição petrificada da vida privada do lar, em que sua vizinha amarga a espera e a sanha do marido farrista que chega tarde em casa. A condição de vida paralela só é percebida na casa ao lado, na expiação alheia e no reconhecer que o próprio marido também chega tarde. Justifica sua ausência por entender que o mesmo está no trabalho: *“essa ali era uma vizinha... essa vizinha minha era muito legal... o marido dela era farrista... aí o Smith trabalhava no Alto Madeira né? que dava bem de frente assim com a vista ... ela ficava na janela esperando o marido dela da SAFADEZA... [Rsrtrs] e eu ficava na outra janela esperando o Smith vim do trabalho...porque ele trabalhava até de madrugada sabe?”*

A. B.⁷ revela sua experiência de vida no casamento, considerando que a mulher casada devia incluir o marido como parte de sua vida e nas convivências com outras mulheres: *“Mas ele [marido] era namorado, ele tinha essas coisa, de arrumar namorada. Elas iam lá em casa. Elas iam me procurar. Uma vez namorou uma moça espírita ali no Mocambo, pra esses lugar. Aí... mas a moça era espírita, era muito certa, aí ela saiu... ela disse “onde você mora?”, ele disse “perto da estação do Cruzeiro do Sul”... ele falou, mas não falou nem a rua nem a casa. Ela saiu procurando. Chegou numa casa, a vizinha disse “cê tá vendo aquele mamoeiro grande?” A moça disse “tô”... [A vizinha disse] “pois lá mora a mulher dele e quatro, cinco filhos”. Aí pronto, quando ele chegou na casa dela, ela escolhambou com ele e mandou embora. E daí, meu querido sempre acontecia essas coisas.”*

N., em sua narrativa, dá sua compreensão sobre esse antagonismo entre o mundo do homem e o mundo da mulher. Quando solteira, **N.** lembra-se de que gostava de dançar, mas agora casada, a prerrogativa de diversão é do homem. A sua, a de ser mãe: *“[Rsrtrs] eu... lá em Fortaleza (do Abunã) eu... eu gostava muito de dançar... gostava muito de cantar... agora, depois que eu cheguei al, o negócio de dançar eu não fui mais porque era mais difícil... lá é... todo mundo conhecido... ele era tocador também... meu marido... eu ia com ele e a gente (...) Ele tocava... cavalinho... tocava banjo... tocava clarinete... ele cantava também... os meus filhos herdaram dele... todo mundo canta... todo mundo toca... todo mundo canta... agora quando cheguei ali não... acabou... num fui mais... também já tem os filhos... ele não deixava eu ir por causa que tinha que cuidar dos meninos e não queria mesmo que eu fosse porque não queria mesmo... queria ficar sozinho...”. “[O marido quando saía] aprontava e não era pouco... ele aprontava... aprontava... aprontava mesmo... mas aí eu quando eu vim pra cá... eu me dediquei... isso foi época de sessenta e dois que eu me dediquei Igreja... comecei a ir pra Igreja”.*

U⁸, ao retratar a prostituição, traz uma clara divisão rigidamente estabelecida, envolvendo mulheres casadas, mulheres solteiras e prostitutas que tinham seus papéis sociais bem definidos e excludentes. **U** sinaliza a grande influência que tinha na cidade a figura do bispo católico, que dirigia e/ou ditava as normas de conduta da mulher: *“Olha... aqui em Porto Velho sempre... não sei se por causa do bispo... dos padres... mas a maioria das mulheres era sempre casada... quando eram solteiras, ou eram solteiras [esperando se casar] ou porque era prostitutas...”*

Grandes parte das mulheres pobres que sobreviviam em Porto Velho não conseguia estabelecer relacionamentos duradouros com os homens que ali transitavam e/ou se estabelecia. Solteiras, se envolvidas em relacionamentos em muitas circunstâncias uma linha tênue as distanciava da prostituição. Muitas dessas mulheres pobres viviam como prostitutas, e nessa condição experimentava, na maioria das vezes risco de morte. Segundo relato de **F**⁹, a ocorrência de mortes dessas mulheres por motivos torpes e de exploração sexual por parte de garimpeiros e seringueiros era muito comum: *“É por isso mesmo... garimpeiro... seringueiro... não fazia como é que queria... eles matava e ia embora... então a menina que debutava era tudo de família... tudo rica... filha de casal... então os pessoal... os militares... esses às vezes com dinheiro... esse pessoal ia pegando né? E casando... que era até umas menina bonita...”*

7 A. B. nasceu em 1925.

8 U. nasceu em 1936.

9 F. nasceu em 1941.

porque era aquelas famílias de... de turco... de... judeu... são pessoas bem... bem branca... bem...".

O destino da maioria das mulheres prostitutas era a morte, e na velhice o trabalho como lavadeira. Outras, quando a 'sorte' acenava em sua direção, casavam e viravam 'dona' na sociedade: *"Ah... elas não casavam com prostitutas não... prostitutas que ninguém quer... escorria aí na lavadeira... quando ficavam velha ia lavar roupa... tinha o vizinho ali que falava... ... aposentadoria de prostituta tá bom de lavar roupa... pra fora..."*

É importante destacar que nem todas as mulheres pobres da cidade tiveram como única alternativa a prostituição, embora fosse difícil não transitar em proximidade a essa fronteira, diante das dificuldades de suas condições sociais, pois na maioria das vezes não havia o que comer e onde trabalhar. Com o apoio e subvenção de freiras da Escola Maria Auxiliadora, muitas meninas puderam ampliar seus horizontes e muitas seguiram a carreira do magistério.

F. disse: "Eu não queria ir pra seringal... não queria... eu tinha já aprendido... nós estudava no Maria Auxiliadora que era um luxo... você precisava ver o Maria Auxiliadora... nós não tinha dinheiro... mas nós luxava à custa das freiras... do usado que a gente ganhava das freiras... né? tudo luxo... meia fina... gravata gorgurão... blusa de tricolore... botão de madre-pérola... a saia de casemira..."

Essa oportunidade de conviver com os encantos de uma realidade social totalmente adversa de uma cidade em estruturação, ruralizada, ao mesmo tempo pobre mas com setores economicamente privilegiados, com diversificado fluxo de pessoas de diferentes lugares do país e do mundo que não mantinham pertencimento ao lugar, funcionou como incentivo para o rompimento das estáticas determinações da época, que as mulheres condicionadamente se tornariam esposas e mãe dependentes do marido ou lavadeiras, passadeiras, domésticas e prostitutas.

Considerações Finais

As mulheres de Porto Velho foram fruto do que era possível para sobreviver diante de tantas dificuldades de ordem habitacional, de saúde, de trabalho, de formação. Viram-se diante de um caleidoscópio de necessidades, e responderam a elas da melhor forma possível. Verdadeiras heroínas! Solteiras, casadas, prostitutas, lavadeiras, benzedoras, e muitas outras... **São as mães dos filhos dessa cidade.**

Ao longo da vida não tiveram voz, visibilidade, credibilidade, autonomia. Ao envelhecer, carregando no corpo e na alma essa trajetória, muitas não são acolhidas, percebidas e aceitas. Reina silêncio sobre suas histórias, do que viveram e ainda são submetidas por seus descendentes. Por isso nossa ideia de desenvolver uma pesquisa que resgatasse um pouco dessa história, pois pouco a pouco morre o grande patrimônio e razão da sociedade constituída de Porto Velho. Com ela enterra-se a gênese do embrião do município. Antes disso acontecer há uma História a ser contada.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORZACOV, Y. P. **Porto Velho: 100 anos de história**. Porto Velho: Primmor, 2007.

FERNANDES, A. O. **Madeira-Mamoré: do gênio humano ao abandono**. Porto Velho, 2005.

FERREIRA, M. R. **A ferrovia do diabo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

FONSECA, D. R. Porto Velho: uma experiência singular no contexto da urbanização da Amazônia. In: SILVA, R. G. C. (Org.) **Porto Velho: urbanização e desafios para uma cidade centenária**. Porto Velho: Temática Editora; Edufro, 2016, p. 12-45.

HUGO, V. **Desbravadores: (minha presença em Rondônia)**. Porto Velho: ABG, 1998.

LIMA, A. M. Estrada de Ferro madeira-mamoré – 30 de Abril de 1912/30 de Abril de 2012 – Cem Anos de sua Conclusão. In: **Estrada de Ferro Madeira-Mamoré: História, Prosa e Verso**. Porto Velho: Prefeitura de Porto Velho. Fundação Cultural Iaripuna. Instituto de Pesquisa e Estudos Dr. Ary Tupinambá Penna Pinheiro. Memorial Jorge Teixeira. Instituto Histórico e Geográfico de Rondônia, s/d.

MENEZES, E. P. **Retalhos para a história de Rondônia**. Manaus: Imprensa Oficial do Estado do Amazonas, 1980.

MORAES, Raymundo. **Na Planície Amazônica**. 4ªed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

NEELEMAN, R. **Trilhos na selva: o dia a dia dos trabalhadores da Ferrovia Madeira-Mamoré**. São Paulo: BEI Comunicação, 2011.

PAIVA, A. C. **Madeira-Mamoré: um estudo de caso sobre o renascimento do acontecimento**. XII Encontro Estadual de História da ANPUH-PE. UFPE: 07 a 10 de Agosto de 2018. Disponível em: https://www.encontro2018.pe.anpuh.org/resources/anais/8/1535770024_ARQUIVO_Artigo-ANPUHPE.pdf Acesso em: 07de novembro de 2020.

SOUZA, V. A. **Rondônia, uma memória em disputa**. 185 f. Tese (Doutorado em História). Assis, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, 2011.

TEIXEIRA, M. A. e FONSECA, D. R. **História Regional: Rondônia**. Porto Velho: Rondoniana, 2001.

VITAL, A. V. Comissão Rondon, doenças e política: “Região do Madeira: Santo Antonio”, de Joaquim Augusto Tanajura – uma outra visão do Alto Madeira em 1911. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**. Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, 2011, p. 545-557.

Recebido em 7 de setembro de 2020.
Aprovado em 17 de novembro de 2020.